

FUNÇÃO-AUTOR: ANÁLISE DISCURSIVA DAS POSTAGENS DA FERRAMENTA FÓRUM NO ESPAÇO VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (EVA)

Simone Atayde Floriano da SILVA*
Sandro BRAGA**

ABSTRACT: This paper aims to analyze how the subject of discourse constructs its function-author from the materiality of language, the forum tool, the Virtual Learning Space (VAS) in UNISUL, in it disciplines of Reading and Literal Production, of the period of learning cycle of 2008/2. E thus to mark discursively its to say and at the same time to differentiate itself of saying of the other, exactly that this is agreeing to already said. For this, we will leave of the formulations of Michel Foucault (2006) in What Is an Author? crossbreeding with the presuppose theoretical and methodological of discourse analysis of current French, considering the fact that the VAS the participants are brought within the sphere of pedagogic discourse to leave trail of your own say as university students. Thus, it is expected to understand the functioning of discourse and the constitution conditions of on subject-author, since, the academic, from a proposal led by professor, build your own say. The results show that when you produce a text in the VAS, the author, is recognized in the text; is responsible for its say.

KEYWORDS: Virtual space of Learning (VAS); Pedagogical discourse; Function-author.

1. Introdução

O presente trabalho objetiva analisar como o sujeito do discurso constrói sua função-autor a partir das materialidades linguísticas, da ferramenta Fórum, do Espaço Virtual de Aprendizagem (EVA) na UNISUL, na disciplina de Leitura e Produção Textual, do ciclo letivo de 2008/2. E assim marcar discursivamente seu dizer e ao mesmo tempo diferenciar-se do dizer do outro, mesmo que este esteja concordando com o já dito.

Para isso, partiremos das formulações de Michel Foucault (2006) em *O que é um autor?* intersectando com os pressupostos teórico-metodológico da Análise do Discurso de corrente francesa, considerando o fato de que no EVA os participantes estão permeados de múltiplos processos interativos, no entanto, são levados dentro da esfera do discurso pedagógico – dominante naquele espaço enunciativo – a deixarem pista do seu próprio dizer como estudantes universitários.

Desse modo, espera-se compreender o funcionamento discursivo e as condições de constituição de um sujeito-autor, já que, o acadêmico, a partir de uma proposta conduzida pelo professor, constrói seu próprio dizer, isto é, organiza o texto produzido a partir da fala dos participantes da teia discursiva.

Os resultados apontam que quando se produz um texto no EVA, o autor mantém uma relação com o texto, dando a ele, seus limites, suas particularidades e, também, se reconhece no texto; mais ainda, é responsável pelo seu dizer.

* Mestranda no Programa de Pós-graduação Ciências da Linguagem; Universidade do Sul de Santa Catarina.

** Doutor em Linguística; Universidade Federal de Santa Catarina.

2. Função-autor

Em Foucault (2006) a noção de obra não é detectar as relações da obra com o autor, nem reconstituir através dos textos um pensamento ou uma experiência. Com efeito, a noção de obra deve analisar a obra na sua estrutura, na sua arquitetura, na sua forma intrínseca e no jogo das suas relações internas. Para o autor, a palavra obra e a unidade que ela designa são provavelmente tão problemáticas como a individualidade do autor. Além disso, o uso da noção de escrita mantém “os privilégios do autor sob a salvaguarda do ‘a priori’: ela faz subsistir, na luz cinzenta da neutralização, o jogo das representações que configuraram uma certa imagem do autor”. (FOUCAULT, 2006, p. 41).

Foucault (2006) analisa que, historicamente, os textos passaram a ter autores na medida em que os discursos se tornaram transgressores com origens passíveis de punições. As narrativas, contos, tragédias, comédias que hoje chamaríamos de literatura eram colocados em circulação e valorizados sem que se pusesse em questão a autoria, ou seja, o anonimato não constituía nenhum problema. Ao contrário, os textos científicos eram recebidos na Idade Média como portadores do valor de verdade apenas na condição de serem assinalados com o nome do autor.

Há três diferenças com relação aos problemas postos pelos nomes. A primeira, o autor traz como exemplo a casa que poderia não ser aquela em que Shakespeare nasceu – não modifica o funcionamento do nome. A segunda, no entanto, deixaria indiferente o funcionamento do nome de autor, caso demonstrasse que Shakespeare não escreveu os *Sonetos*. A terceira está na mudança que alteraria inteiramente o funcionamento do nome de autor: é o caso se ficasse provado que Shakespeare escreveu o *Organon* de Bacon.

Nessa perspectiva, o nome de autor não é, segundo Foucault (2006), um nome próprio exatamente como os outros. E esclarece:

[...] um nome de autor não é simplesmente um elemento de um discurso (que pode ser sujeito ou complemento, que pode ser substituído por um pronome, etc.); ele exerce relativamente aos discursos um certo papel: assegura uma função classificativa; um tal nome permite agrupar um certo número de textos, delimitá-los, selecioná-los, opô-los a outros textos. Além disso, o nome de autor faz com que os textos se relacionem entre si. (FOUCAULT, 2006, p. 44-45).

Foucault (2006) enfatiza que o nome de autor serve para caracterizar um certo modo de ser no discurso. Assim, o discurso deve ser reconhecido de maneira peculiar e deve, em determinada cultura, receber certo estatuto. Ou seja, o seu modo de ser singular.

Assim sendo, Foucault propõe que pensemos não no autor como indivíduo, mas naquilo que denonima como função-autor. Ou seja, a função-autor não se constrói simplesmente atribuindo um texto a um indivíduo com poder criador, mas se constitui como “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 2006, p. 46). Dito de outra maneira, o que faz o indivíduo receber em determinada cultura certo estatuto, uma vez que, através do seu nome, delimitamos, e caracterizamos os textos que lhes são atribuídos. Para o autor, a função-autor desempenha hoje um papel preponderante nas obras literárias.

Foucault (2006, p. 53-54) distingue o autor da função-autor, classificando primeiramente como uma espécie de foco de expressão, que sob formas mais ou menos acabadas se manifesta da mesma maneira, e com o mesmo valor, nas obras, nos rascunhos, nas cartas, nos fragmentos etc. E resume assim o segundo:

A função autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários “eus”, em simultâneo, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduo podem ocupar. (FOUCAULT, 2006, p. 56).

Para melhor exemplificar Foucault cita Marx e Freud como os instauradores da discursividade, uma vez que tornaram possível certo número de analogias, abrindo espaço para outras possibilidades, diferentemente daquelas com as quais eles se fazem presentes. Ao mesmo tempo, sua obra não está ancorada na ciência e no espaço que ela ocupa, mas é a ciência ou a discursividade que se relaciona com a obra deles e a toma como uma primeira coordenada.

É interessante como Foucault (2006, p. 68) refere-se à importância de “estudar os discursos não somente pelo seu valor expressivo ou pelas transformações formais, mas nas modalidades da sua existência: os modos de circulação, de valorização, de atribuição, de apropriação dos discursos variam com cada cultura e modificam-se no interior de cada uma”. Para o autor, isso leva a questões intrigantes com relação às condições e sob que formas o sujeito aparece na ordem do discurso? Que lugar pode o sujeito ocupar em cada tipo de discurso? Que funções pode exercer e obedecendo a que regras?

Diante desses questionamentos, Foucault descreve que “o autor ou a função-autor é com certeza apenas uma das especificações possíveis da função sujeito. Visto que, historicamente, a função-autor não permaneça constante na sua forma, na sua complexidade e mesmo na sua existência”. (FOUCAULT, 2006, p. 70).

Na perspectiva de Foucault (1971) o texto é uma “dispersão do sujeito”. E Orlandi (2001, p.76) retoma esse conceito da seguinte forma: pelo fato de o sujeito assumir diversas posições num mesmo espaço textual podemos considerar que a heterogeneidade é característica do funcionamento discursivo. Em contrapartida, a autora contribui com a reflexão sobre o “princípio de autoria” proposto por Foucault (1971), acrescentando-lhe outra função: a de autor.

Orlandi (2007) faz uma comparação entre autor e sujeito e entre imaginário e real. Em termos de real do discurso, é a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falta, o equívoco, a contradição, constitutivas, tanto do sujeito como do sentido, enquanto o imaginário é justamente a unidade, a completude, a coerência, a não contradição. É por essa articulação necessária entre o real e o imaginário que entra o discurso e, conseqüentemente, a relação entre texto, sujeito e autor.

Segundo Orlandi (2007), o sujeito está para o discurso como o autor está para o texto, e acrescenta: se a relação do sujeito com o texto é a dispersão, a autoria implica disciplina, organização e unidade. Entretanto, a autora desloca essa noção proposta por Foucault e afirma que a própria unidade do texto é efeito discursivo que deriva do princípio de autoria, tornando-se necessário o princípio de autoria para qualquer discurso, uma vez que o coloca na origem da textualidade. No dizer da autora, “um texto pode até não ter um autor específico, mas pela função-autor, sempre se imputa uma autoria a ele”. (ORLANDI, 2007, p. 75).

Do ponto de vista discursivo, Orlandi (2001, p. 114) afirma que na “na instância do imaginário, em que o sujeito toma forma na história e funciona pela ideologia, ele se realiza em sua função-autor que começa e termina seu texto. De um lado, a dispersão do sujeito e do discurso, de outro, acabamento do texto [...]”.

Na análise do corpus, é importante ressaltar que na ordem da produção, o funcionamento do discurso pedagógico (ORLANDI, 2003) se dá de tal modo que não prevalece o discurso autoritário. Nesse espaço enunciativo o discurso constitutivo do Fórum provoca uma função-autor tentando agrupar os discursos e estabelecer relação entre o real e o imaginário. Partindo disso, percebemos que a ferramenta Fórum autoriza o sujeito a ocupar um espaço em que o conhecimento não é homogêneo – conhecimento tomado como pronto e acabado – ou seja, direciona para o heterogêneo, por isso nos permite pensar que há um deslizamento com referência ao discurso pedagógico pelo fato de o sujeito-acadêmico, mesmo estando submetido às regras de uma instituição, colocar-se na origem de seu dizer, construindo seu texto com coerência, clareza e originalidade e sua identidade como autor.

Para Orlandi (2007), é do autor que se exige: coerência, respeito às normas estabelecidas, clareza, conhecimento das regras textuais e unidade, entre outras mais. Essas exigências têm uma finalidade, uma vez que procuram tornar o sujeito visível. Além disso, como autor, o sujeito ao mesmo tempo que reconhece uma exterioridade à qual ele deve referir-se, ainda remete-se a sua interioridade, contruindo sua identidade como autor.

Em trabalhos anteriormente, a autora traz o conceito de assunção da autoria nos seguintes termos: “o autor é o sujeito que, tendo o domínio de certos mecanismos discursivos, representa, pela linguagem, esse papel na ordem em que está inscrito, na posição em que se contitui, assumindo a responsabilidade pelo que diz, como diz, etc.” (ORLANDI, 2007, p. 76).

Ainda para Orlandi (2007), é preciso pensar nas condições de produção da escrita na escola e compreender o processo em que o sujeito assume o papel de autor. A implicação se liga à inserção do sujeito na cultura, ou seja, uma posição dele no contexto histórico-social.

Para Gallo, a constituição do sujeito permite que o sujeito reconheça a assunção da autoria:

A autoria se “elabora” mas não é “explicitada” para o sujeito, este não se constitui como sujeito autor (aquele que se representa como tal) e a autoria é, nesse caso, apenas um efeito de sentido produzido pelo D.E (discurso da escrita, [...]). Sendo assim, o que está em jogo, aqui, são as formações imaginárias que presidem toda produção. Portanto, como se trata de uma “passagem”, o que procuraremos mostrar é a “autoria” sendo construída enquanto efeito de sentido, para em seguida mostrar o sujeito se constituindo enquanto sujeito-autor. (GALLO, 1992, p. 99-100).

Nesse sentido, para Gallo (2001) a autoria é vista por dois níveis: no nível enunciativo-discursivo e no nível enunciativo por excelência. No primeiro, diz respeito à função de autor, que por ora estabelece a condição de todo sujeito enquanto produtor de texto. No segundo, refere-se ao efeito-autor em que se percebe o confronto de formações discursivas com uma nova dominante. A autora (2001) ensina que o efeito de sentido produzido por uma nova posição do sujeito surge do confronto de ordens diferentes de discurso e caracteriza de efeito-autor.

Para esta pesquisa, assumiremos a noção de autoria proposta por Orlandi, aceitando que a autoria é função de todo sujeito. Além disso, o autor é o sujeito que, tendo o domínio de certos mecanismos discursivos, representa, pela linguagem, esse papel, na ordem social em que está inserido. Assim, percebe-se no funcionamento discursivo no Fórum que o sujeito-acadêmico, além de estar inserido num contexto midiático, está dentro de determinada formação discursiva. Com isso, ao construir seu discurso – a partir da proposta do professor, como também, da participação dos colegas – constrói seu texto, seu dizer, e vai tomando uma posição enquanto sujeito-autor.



Referências

- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 6. ed. Lisboa: Vega, 2006.
- GALLO, S. L. Autoria: questão enunciativa ou discursiva? *Linguagem em (Dis)curso*, v. 1, n. 2, Tubarão. Ed. da Unisul, 2001.
- ORLANDI, Eni. P. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2003.
- _____. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2007.